

NATUREZA, VIDA AO AR LIVRE E EDUCAÇÃO FÍSICA NO INÍCIO DO SÉCULO XX : FRAGMENTOS DA OBRA DE GEORGES HÉBERT

Dra. Carmen Lúcia Soares
Doutora em Educação
Faculdade de Educação/UNICAMP

O propósito deste trabalho é estabelecer um diálogo com a obra de Georges Hébert, oficial da Marinha Francesa que, na primeira metade do século XX, elaborou um conjunto de procedimentos para exercitar-se o qual denominou “Método Natural”. Para a realização desta pesquisa, tomaram-se como fontes os artigos publicados no periódico Educação Physica Revista de Esporte e Saúde, que circulou no Brasil de 1932 a 1945, atribuídos a Georges Hébert, suas principais obras disponíveis no Brasil, assim como pesquisas realizadas na França sobre sua obra.

INTRODUÇÃO

Há múltiplos e diversos modos de olhar o passado, mas, talvez, exista uma certeza provisória que pode servir de guia para aquele que vai se orientar por vestígios, por escolhas feitas para o esboço do que se quer narrar: o passado não guarda verdades que serão “descobertas” inteiras; nele não estão escondidos “os” documentos preciosos, ele não é uma arca de tesouros que permitirá a grande revolução sobre um determinado tema, época, indivíduo. O passado é um tempo da memória, aquela que será evocada no presente, na luta contínua contra o esquecimento (Gagnebin, 1997). O passado não se conhece senão por aproximações feitas de escolhas, por vestígios, fragmentos cujo sentido reconstruído torna possíveis novas interpretações, outro delineamento, outro esboço sobre este tempo em que desejamos mergulhar. Isto, talvez, porque o olhar para o passado é sempre o olhar do presente, um olhar amalgamado pela experiência daquele que olha, pelas escolhas que faz, pelo lugar social que ocupa.

Como traduzir o olhar? A resposta a esta pergunta remete-nos à necessidade humana da rememoração, da retomada pela palavra de um passado que sem isso desapareceria em silêncio e esquecimento. A narrativa (Gagnebin, 1994), sua multifacetada ação, faz-se registro e presentifica, pela palavra, pela imagem, aquilo que é e está ausente. Amarra fios rompidos, rebobina séculos, assinala lembranças e esquecimentos. Constrói-se por ausências, silêncios e pequenas aparições.

O importante para o autor que rememora não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração (...) pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que um acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (Benjamin, 1985, p. 37).

Por isso, talvez, seja sempre adequado complexificar aquilo que se apresenta aparentemente simples e desconfiar daquilo que tanto supomos conhecer, daquilo que nos constitui como mulheres e homens do presente, inscritos com a sensibilidade deste tempo.

Assim, este trabalho tem o propósito de rememorar um autor pouco estudado pela educação física brasileira. Trata-se de uma primeira aproximação com a obra de Georges Hébert, oficial da Marinha Francesa que elabora um detalhado e polêmico trabalho sobre a educação do corpo no princípio do século XX. A vida e a obra de Hébert, que nasce em 27 de abril de 1875 em Paris e morre no dia 2 de agosto de 1957 em Deauville, permitem conhecer um pouco dos caminhos trilhados pela educação física neste período.

Filho de uma família burguesa que habitava o número 95 do Boulevard Saint-Michel, Hébert logo deixará tanto a casa paterna quanto esse bairro efervescente para viver, desde os sete anos, em uma escola cristã de irmãos, no bairro de Passy. Desta escola ele segue para o Liceu de Cherbourg, onde prepara seu ingresso na Escola Naval, na qual será admitido aos 18 anos de idade, em 1893, após receber uma formação em “matemáticas especiais”. Parece que Georges Hébert conhecera, desde sua infância, uma vida em coletividade, vida que suportaria no curso de sua adolescência e até sua quase maioridade. De certo modo, isso demonstra o quanto o interesse geral significa para ele (Bui-Xuân, Gleyse, 2001, p. 129).

Sua obra é pouco citada no Brasil, mas a *Revista Educação Physica*, primeiro periódico específico da área, que aqui circulou entre os anos de 1932 e 1945, publica trechos de sua obra, traduzidos numa seção denominada Filosofia da Educação Física. Estes textos revelaram-se como fonte histórica singular à medida que a pesquisa foi seguindo seu curso e o aprofundamento na obra permitia novos questionamentos sobre o chamado “Método Natural”¹, método que apresenta indícios de um pensamento que buscou elaborar, com precisão, saberes e práticas voltados a um projeto social de educação do corpo e da importância da natureza nesta educação.

O projeto educacional de Hébert tomava como princípio o retorno à natureza, o modo de vida simples de povos que possuíam outros hábitos de vida, que habitavam terras distantes e desconhecidas e eram por ele chamados de “primitivos” ou “selvagens” (Hébert, 1941a, p.1), assim como a crítica ferrenha à especialização esportiva ou “taylorização de movimentos”, conforme sugerem as análises de Cambier (1930, p. 441).

É, portanto, da observação das relações dos homens com uma natureza formadora, sempre boa e generosa, fonte perene de virtudes, idéia que perpassa civilizações, que Hébert retira os elementos de sua proposta de educação do corpo.

O homem² em estado natural, o selvagem, por exemplo, obrigado a conduzir sua vida ativa para prover suas necessidades e assegurar sua segurança, realiza seu desenvolvimento físico integral vivendo ao ar livre em estado de quase nudez e executando unicamente exercícios naturais e utilitários que são aqueles de nossa espécie e para os quais nosso corpo é especialmente criado e organizado. (...) Este retorno à atividade física nas condições as mais naturais possíveis constitui aquilo que chamamos de Método Natural.

De modo mais amplo, pode-se afirmar que suas idéias se inserem no movimento pedagógico do começo do século XX em que se encontram o sincretismo de Claparède, o globalismo de Decroly, entre outros que reagiram contra as psicologias e pedagogias analíticas. Contudo, a forte inspiração deste movimento no qual se insere a obra de Hébert foram as teorias de Rousseau³.

Talvez fosse adequado observar que Hébert propõe um retorno à natureza, mas um retorno racional e plenamente adaptado à vida urbana e civilizada das cidades européias às primeiras décadas do século XX: nudez controlada e exercícios físicos utilitários.

O horror à degenerescência da raça e à decadência nacional recuperam o entusiasmo por uma educação física dirigida a toda a população (Vigarello, 1978, p. 162-190; 1993, p. 219-232; Sant’Anna, 1993, p. 243-265). O retorno à natureza, a importância do ar, dos raios de sol e de exercícios físicos ministrados com disciplina em plena natureza, acostumando os alunos a resistir ao frio, ao calor e a viver com sobriedade e frugalidade, compõem um quadro mais amplo de busca de uma higiene dos comportamentos.

Hébert apóia-se, sobretudo, na força moral e no utilitarismo estreito em que o culto ao dever é enaltecido, afirmando sempre a simplicidade de suas idéias (Hébert, 1941a, p. 4), nas quais desenvolvimento físico e cultura viril estão vinculados a uma cultura moral com acentuada exaltação de sentimentos nobres⁴.

A cultura do corpo pelo corpo ou pela dominação por meio da força bruta jamais produziu o belo, o bom nem o educado; ela traz sempre, hoje como ontem, os piores excessos morais e sociais⁵.

¹ Este método procurou distinguir-se das ginásticas analíticas, assim como da especialização esportiva. Ver a respeito Hébert, 1927, 1928, 1941a; Cambier, 1930, p. 437-489; Pereira, [s.d.], p. 443-486; Langlade & Langlade, 1986, p. 268-290; Laty, 1996, p. 263-266, entre outros.

² Hébert, 1941a, p. 1-6: (...) l’homme à l’état de nature, l’être sauvage par exemple, obligé de mener une vie active pour subvenir à ses besoins et assurer sa sécurité, réalise son développement physique integral en vivant au grand air dans l’état de quasi-nudité et en exécutant uniquement les exercices naturels et utilitaires qui sont ceux de notre espèce et pour lesquels notre corps est spécialement bâti et organisé. (...) Ce retour à l’activité physique dans les conditions les plus naturelles possibles constitue ce que nous appelons la Méthode naturelle.”

³ Ver especialmente a obra *Emílio ou da educação*, 1992 e *Discurso sobre os fundamentos da origem da desigualdade entre os homens*, Mira-Sintra: Europa-América, 1976.

⁴ Hébert, 1941a, p. 15. Essas idéias de Hébert são fortemente influenciadas por Amoros, autor bastante lido, citado em suas obras com frequência. Ver, por exemplo, no livro *La culture virile et les devoirs physiques de l’officier combattant*, Paris: Vuibert, 1918.

Como oficial da Marinha Francesa, Georges Hébert viaja pelo mundo e observa a morfologia e os gestos de homens e mulheres que o seu senso comum ainda chama de *selvagens*. Os povos que observa e que converte em modelo de saúde e vigor físico são pertencentes, segundo ele, a todas as regiões do mundo: indianos de todos os climas, negros da África, indígenas da Oceania, entre outros. Todavia, Métoudi e Vigarello (1980, p. 20) afirmam que os povos que ele observa são, essencialmente, habitantes de terras africanas “protegidas” no início do século XX pela França.

O que exatamente observa Hébert? A força, a resistência, a agilidade, o domínio do corpo em sua relação direta com a natureza, o desenho deste corpo que recorta o espaço em sua pujança e vigor e que ele associa com esfinges e estátuas antigas, trazidas como ideal de beleza e revelada, no presente, por este corpo “selvagem”. A esse respeito, as análises de Gilbert Andrieu são primorosas:

A beleza selvagem, a beleza antiga e a beleza de um organismo plenamente adaptado ao esforço que deve produzir são três imagens trazidas pela mesma análise. Contra a sociedade que a desfigura o retorno à natureza impõe-se.(...)

O belo natural surge como o contrário do belo civilizado, do belo fabricado, da moda, do belo convencional. Ele emana de uma adaptação perfeita as leis da natureza e esta adaptação é trabalhada essencialmente por meio de todas as formas de locomoção que o homem é capaz em estado de natureza. Os músculos desenvolvidos por meio de um trabalho natural dão ao indivíduo, integralmente desenvolvido, as formas que lembram aquelas dos atletas antigos, e muito particularmente, aquelas de um atleta ágil.

O belo natural é, em qualquer situação, um belo útil...⁶

O Método Natural ancora-se em regras simples deduzidas da natureza e recusa-se a conceber a educação física como um problema complicado de biologia ou de fisiologia, ressaltando idéias ligadas ao instinto e à intuição: “O Método Natural é um vasto sistema de desenvolvimento e de manutenção física conforme a natureza, imitação daqueles seres primitivos agindo pelo instinto e pela necessidade”⁷. Esta afirmação de Hébert revela quase que uma crença na natureza em si, pois, como afirmam Métoudi e Vigarello, para ele a

natureza não é nem o lugar da experiência, nem o lugar de verificação objetiva.

Ela não é nem mesmo o tema de um verdadeiro conhecimento. Ela é valor ativo.

Ela fala: é suficiente abandonar-se ao instinto e à intuição(...) Imitação do selvagem, instinto e intuição tornam-se as chaves de toda conceituação deste método: Hébert é um apologista da anti-ciência”⁸.

Como observa Delaplace (2000, p. 22-30), Hébert vai deduzir da natureza todas as qualidades físicas a serem desenvolvidas e vai ancorar-se na cultura européia dos anos de 1920 e 1930, utilizando o mito do selvagem como justificativa posterior de seu Método Natural, que repousa sobre uma recomposição de elementos arquetípicos como a água, o ar, o sol.

Talvez seja difícil afirmar que o Método Natural tenha sido implantado de forma pura em outros países, como o Brasil, onde as referências a Hébert se limitam a pequenas descrições de seu trabalho em alguns manuais de história e/ou filosofia da educação física (Azevedo, s.d.; Marinho, s.d.; Ramos, 1944, 1982; Bonorino, 1931, entre outros). Porém, é possível afirmar que suas idéias centrais, tais como o retorno

⁵ Hébert, 1941a, p. 15: “(...) La culture du corps pour les corps ou pour la domination par la force brutale n’a jamais rien produit de beau, de bon, ni d’élévé; elle mène toujours, aujourd’hui comme hier, aux pires excès moraux et sociaux”.

⁶ Andrieu, *Méthode naturelle et beauté plastique. Spirales*, UFRAPS, Lyon, v. 9, 1995, p.36: “(...) La beauté sauvage, la beauté antique et la beauté d’un organisme pleinement adapté à l’effort qu’il doit produire, sont trois images portées par la même analyse. Contre la société qui enlaidit le retour à la nature s’impose.(...) Le beau naturel apparaît comme le contraire du beau civilisé, du beau fabriqué, à la mode, du beau conventionnel. Il découle d’une adaptation parfaite aux lois de la nature et cette adaptation se travaille essentiellement par toutes les formes de locomotion dont l’homme est capable à l’état de nature. Les muscles développés par un travail naturel donnent à l’individu, intégralement développé, des formes semblables à celles des athlètes antiques et tout particulièrement celles d’un athlète léger. Le beau naturel est en quelque sorte un beau utile...”

⁷ Hébert apud Métoudi e Vigarello, 1980, p. 21: “(...)La méthode naturelle est un vaste système de développement et d’entretien physique conforme à la nature, imité de celui des êtres primitifs agissant par instinct et par besoin”.

⁸ Métoudi e Vigarello, 1980, p. 21 e 22: “ (...) La nature n’est ni lieu d’expérience, ni lieu de vérification objective. Elle n’est même pas le thème d’un véritable connaissance. Elle est valeur active. Elle parle: il siffie de s’abandonner à l’instinct et à l’intuition. (...) Imitation du sauvage, instinct et intuition deviennent les clefs de toute conceptualization: Hébert est l’apologue de l’intiscience”.

racionalizado à natureza, a importância das atividades físicas ao ar livre, a crítica à especialização esportiva (Hébert, 1927, p. 4-5), a existência de “movimentos naturais”, habilidades e capacidade naturais e instintivas, constituam permanências no tempo histórico e façam-se presentes até os dias de hoje, renovadas pela sensibilidade do presente.

GEORGES HÉBERT NA *REVISTA EDUCAÇÃO PHYSICA*

Nos números deste periódico consultados⁹, foram encontrados cinco textos de Georges Hébert publicados nos anos de 1941, 1942 e 1943. Na verdade, trata-se quase totalmente de capítulos de livros de Hébert que foram traduzidos e aos quais não se faz qualquer referência. Este é o caso, por exemplo, dos “artigos” intitulados “Os perigos físicos do esporte”, e “Os perigos sociais do esporte”, publicados, respectivamente, nos volumes 57 e 58 da *Revista* que circulou no ano de 1941. Estes “artigos” são, na verdade, os capítulos IV e V do livro escrito por Hébert sob o título *Le sport contre l'éducation physique*, publicado em 1925¹⁰. A *Revista* publica-os muito tempo depois (1941) e não faz qualquer referência à fonte de onde foram retirados, o que faz pensar, em um primeiro momento, que Hébert os escreveu especialmente para este periódico. Outro exemplo pode ser encontrado no “artigo” intitulado “Os deveres físicos do homem”, publicado no volume 76, que circulou no Brasil em 1943. Esse é um tema recorrente na obra de Hébert, quase que um fio condutor de suas propostas educacionais e um material que pode ser encontrado fartamente em sua obra *La culture virille...*, cuja primeira edição data de 1913¹¹ e cujo “artigo” reproduz o capítulo I da referida obra, intitulado “Deveres físicos e gerais do homem”. Neste caso, também, a *Revista* não faz qualquer alusão à obra, publicada muito tempo antes.

O conteúdo destes textos, quase sínteses do pensamento hebertista, abarcam temas polêmicos como, por exemplo, a crítica à especialização esportiva e ao esporte espetáculo, assim como ao termo *educação física*, fervorosamente defendido por Hébert como o mais adequado para designar o trabalho de educação do corpo voltado ao conjunto da população, escolar ou não. Esses temas vinham sendo objeto de sua atenção e faziam parte não só das reflexões encontradas em seus livros, mas, também, da *L'Éducation Physique Revue Scientifique et Critique*, periódico no qual escreveu inúmeros editoriais, artigos e onde exerceu o cargo de presidente do Comitê de Redação.

Hébert é um crítico de toda especialização esportiva, e para ele a concepção esportiva predominante no tempo em que viveu

(..)é individualista e egoísta no sentido de que ela sacrifica a massa em detrimento do indivíduo; enfim, é quase imoral, socialmente falando, a especialização esportiva estimula seguidamente, por meio do trabalho espetacular contínuo, os jovens a vender seus músculos¹².

[Assim]o esporte, sobretudo o esporte não utilitário, não pode ser suficiente para assegurar o desenvolvimento integral do corpo (Hébert, 1918, p. 27).

O esporte de sua época, em sua visão, compõe o quadro de decadência moral, de indolência, pois foi desviado de seu fim utilitário e degradado pelo dinheiro e pelo espetáculo.(Hébert, 1942, p. 12)

Referindo-se especificamente aos “perigos sociais” (Hébert, 1941b, p. 10, 11, 66, 67) e “perigos físicos” (Hébert, 1941c, p. 10, 11, 61, 62, 63) do esporte, Hébert tece exaustiva crítica ao esporte de competição. Como “perigos sociais”, acentua o abandono da compreensão da atividade física como promotora do bem comum, o culto ao individualismo e à performance para bater o último recorde, a falta de ordem e a ausência de disciplina. Desta última, para ele, nasce o exibicionismo desordenado e o espetáculo esportivo, em que os “Os Jogos Olímpicos apresentam-se como uma feira internacional do músculo, sem alcance educativo” (Hébert, 1941b, p. 11). Em sua visão, o esporte como espetáculo transporta a sociedade para uma “época semibárbara” na qual a força puramente física é enaltecida (Hébert, 1941b, p. 66).

Para Hébert, o esporte espetáculo gera o profissionalismo e o amadorismo marrom, “grande chaga do esporte” (idem, ibidem), pois aqueles que o praticam não o fazem para assegurar e desenvolver sua saúde, mas sim para ganhar dinheiro. Este modo de ganhar a vida desvia a juventude de uma compreensão mais

⁹ Para este estudo foram consultados 44 exemplares dos 86 disponíveis.

¹⁰ Trabalho com a 4ª. ed., feita pela Vuibert, Paris, 1946, cujo exemplar se encontra no Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação física da UFRGS, coordenado pela profª. drª. Silvana V. Goellener, a quem agradeço o inestimável auxílio para a realização desta pesquisa, uma vez que este acervo acolhe parte significativa da obra de Georges Hébert existente no Brasil.

¹¹ Trabalho aqui com a 12ª. ed., publicada em Paris, pela Vuibert, em 1918 (minha biblioteca).

¹² Hébert, 1928, p. 245: “(...)est individualiste et égoïste en ce sens qu'elle sacrifie la masse à l'individu; en fin est presque immorale, socialment parlant, en poussant trop souvent par le travail spectaculaire continuel, les jeunes gens à 'vendre leurs muscles' ”.

ampla sobre o valor do trabalho, fazendo-a crer ser o esporte mais lucrativo para assegurar sua sobrevivência.

Mas o esporte, pelo modo como é praticado, causa ainda um outro mal à juventude, afirma Hébert, pois sua “prática atual” traz prejuízos aos estudos por excitar em demasia as atividades vividas pelos adolescentes, tornando-os objetos de paixões fanáticas pelas façanhas esportivas e pelos recordes inúteis.

A estes perigos sociais somam-se aqueles de natureza física (Hébert, 1941b, p. 10, 11, 61, 62, 63), como a especialização, que gera “uma falsa concepção do ser forte” (Hébert, 1941c, p. 10), como a ausência de moderação, pois o esportista é sempre movido pela idéia de ir mais longe, ser mais veloz (idem, ibidem), ou, por exemplo, a ultrapassagem dos limites das próprias forças, a ausência de ritmo, de dosagem e de regulação do esforço. Desse quadro, segundo Hébert, resulta um indivíduo cuja resistência geral foi esgotada e cuja saúde foi comprometida. Para ele, só o “o esforço moderado ou econômico, quer dizer, ritmado segundo as possibilidades médias de cada pessoa, pode ser prolongado, sem perigo” (Hébert, 1941c, p.61). Cada indivíduo deve aprender, pela educação física, a conhecer o seu ritmo de trabalho físico, o esforço que é capaz de realizar, assim como a dosagem certa (idem, ibidem).

Desde sua origem, a fórmula esportiva mostra-se falsa moralmente, fisicamente e pedagogicamente; moralmente, ressaltando certos defeitos (em particular, a vaidade, a enganação, a brutalidade) que devem, ao contrário, ser fortemente contidas entre os jovens; fisicamente, forçando aos concursos e campeonatos os adolescentes ainda não desenvolvidos por meio de uma educação física geral; pedagogicamente, uma vez que se dirige apenas a um grupo muito pequeno de indivíduos já fortes por natureza para figurar nos eventos em lugar de executar um trabalho para toda a massa¹³.

A essas reflexões polêmicas em torno de temas complexos Hébert agrega outro, qual seja, o da necessidade de precisão terminológica entre os termos educação física, esporte e ginástica (Hébert, 1941d, p. 10), com o objetivo de diminuir as confusões e esclarecer, verdadeiramente, os “deveres físicos do homem” que, para ele, são aqueles que contribuem para conquistar uma “moralidade física” cuja fórmula é bastante simples: “desenvolver-se e conservar-se;(…) em se desenvolvendo, torna-se forte, em se conservando, permanece forte, possui a energia e o entusiasmo e desfruta de uma perfeita saúde” (Hébert, 1943, p. 27).

Ao defender uma vida sadia, Hébert faz duras críticas aos médicos, considerando-os pouco preparados para pensar as problemáticas educativas em geral e aquelas concernentes à educação física em particular, seja ela escolar ou não. Para ele, “a educação física da juventude é, antes de tudo, uma questão pedagógica e não fisiológica e menos ainda médica”. Sua preocupação é com uma educação integral e não com a domesticação que considera ser própria do esporte especializado, dos seres que não mais são formados no contato direto com a natureza, o sol e o ar puro. É para isto que deve servir a educação física. Hébert afirma que “(...) não faria sentido seguir a expressão de um [de seus contemporâneos] de que a ginástica cessou de ser uma operação de “endireitar e adestrar corpos” para tornar-se ‘remédio’. Façamos ‘homens’ e não produtos de laboratório” (idem, p. 87) .

Sua argumentação sugere que o funcionamento dos órgãos influencia a vida moral, o ardor e o entusiasmo em viver uma vida sã, que não é mais que aquela plena de atividade, de ação, uma vida que nega, radicalmente, a ociosidade: “todos os prazeres passivos ou artificiais não deixam mais que o tédio e precipitam a destruição da saúde” (Hébert, 1943, p. 27).

Novamente aqui encontramos Rousseau, para quem uma verdadeira educação exige que o aluno “trabalhe, que aja, que corra e que grite, que, esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor e em breve o será pela razão”(Rousseau, 1992, p. 111). Atividade e movimentação constantes não devem, contudo, limitar-se ao desenvolvimento atlético, ao culto do músculo, pois “o corpo não é, com efeito, senão o templo da alma e o servidor do cérebro” (Hébert, 1943, p. 27).

¹³ Hébert, La folie sportive, *L'Education Physique Revue Scientifique et Critique*, n. 1, p. 4, 1927, jan. Merece destaque, ainda, a estarrecedora estatística publicada por Hébert em que se pode ler: “Repita-se a exaustão: por detrás da fachada esportiva há 53% de inaptos ao serviço militar. Esta é a verdade brutal. De cada 100 jovens de 20 anos, há somente 47 que possuem um desenvolvimento considerado suficiente para poderem ser utilizados como reais combatentes. Isto significa, socialmente, que estes jovens podem ser considerados normais para constituir uma família e assegurar o advento da raça. Os outros 53 são (os enfermos recusados) os desacreditados, os macilentos, ou simplesmente os anulados fisicamente pela falta de uma educação física regular ao longo do período escolar ou pós-escolar. Le problème de l'éducation physique: le néant des jeux olympiques, *L'Education Physique Revue Critique et Pédagogique*, n. 7, p. 164, 1928.

EDUCAÇÃO FÍSICA E VIDA AO AR LIVRE: UMA HIGIENE DOS COMPORTAMENTOS?

Nas publicações de Hébert encontradas na *Revista Educação Physica*, é possível identificar a educação física, a ginástica e o esporte, este quando apartado dos “vícios” em que está mergulhado, como um acervo de saberes e práticas voltados para um projeto de educação do corpo. Um projeto que expressa uma concepção de limpeza não só corporal, mas também moral e social, compondo, assim, um quadro mais amplo de higiene dos comportamentos. Neste projeto, a natureza é provedora e fonte perene de bem-estar. Nele, também, homens e mulheres, quando sadios e cultivados física e virilmente por uma adequada educação física, possuem predisposições “naturais” para a moralidade (Hébert, 1943, p. 28). Hébert trabalha sempre com oposições entre o bem e o mal ou entre virtudes e vícios encarnados nos saberes e práticas que analisa, na educação do corpo que propõe.

Idéias moralistas, naturalização das práticas sociais, oposições entre vícios e virtudes, retorno à natureza, ela mesma enquadrada em uma concepção própria do período em que Hébert viveu e escreveu sua obra, período atravessado por movimentos naturistas tanto médicos quanto pedagógicos, período em que a natureza selvagem esteve na moda, conforme afirma Delaplace (2000, p. 82). Período em que a vida selvagem é vivenciada também no escotismo, um movimento de forte caráter moral e vinculado aos ideais expansionistas do colonialismo europeu do início do século XX (idem, p. 79).

Hébert acentua, em suas propostas de educação, a necessidade de ser forte, definindo que “ser forte” significa se desenvolver de uma maneira não só completa, mas completa e útil. A força do “selvagem”, tratado pelas teorias científicas do século XIX como pertencente a “raças inferiores”, é resgatada como modelar para o desenvolvimento do homem e da mulher urbanos e, assim, redimido, pelas virtudes que possui. Sua obra combina o fascínio pela potência misteriosa de populações exóticas com processos “científicos” de apropriação de suas forças “ocultas”, pela imitação de seu modo de vida, de sua condição de existência.

Seria esta a razão da pouca penetração de sua obra no Brasil, país que desejava “embranquecer” e cuja elite buscava imitar comportamentos, hábitos e atitudes do mundo europeu, identificando-se mais com a ginástica sueca¹⁴, rigorosamente científica e seguidora de modelos europeus? Ou isso se devia à atitude um pouco desdenhosa de Hébert em relação ao processo de afirmação científica vivido pela educação física europeia ao longo do século XIX¹⁵, de certo modo secundarizado quando enaltece o instinto como o grande guia de nossa existência ou, então, quando critica a inclusão de enfadonhos desenvolvimentos de análise muscular, uma vez que, para ele, as “atividades vitais são feitas de exercícios naturais e utilitários e para os quais nosso corpo é especialmente construído”¹⁶? Essas indagações não podem ser respondidas no âmbito deste trabalho, mas indicam caminhos possíveis para pensar problemáticas contemporâneas acerca das práticas corporais; as ausências e os silêncios são férteis indícios para pensar e escrever a história.

Talvez a busca de um retorno racional à natureza adaptado à vida em sociedade, e mais precisamente à vida em sociedades urbanas, empreendida por Hébert toque sensibilidades do presente, ecoe em nossa imaginação contemporânea. Os chamados esportes radicais, nos quais a natureza, para a maioria daqueles que os praticam, é tão-somente um meio (mais um) para obter uma *sensação*, merece uma análise mais apurada e abrangente. A natureza é, para a prática desses esportes, completamente domesticada para se tornar campo de novos velhos rituais revisitados e vendidos como poderosos elixires anti-stress, como as novas fórmulas de educação da vontade daqueles que podem pagar. A aventura, tal qual a natureza selvagem na época de Hébert, está na moda, e a “natureza” oferece os ingredientes para viver esta aventura controlada/livre.

A título de conclusão, algumas indagações podem ser formuladas com base nas idéias aqui desenvolvidas; uma delas é: a rememoração da obra de Hébert poderia contribuir para uma reflexão sobre as práticas corporais realizadas na natureza e para uma compreensão mais ampliada das problemáticas ecológicas que dizem respeito a todas as formas de vida no planeta¹⁷?

Indagações, respostas, todos os dias as formulamos e buscamos, desesperadamente, em nosso desejo de acalmar nossas angústias, diminuir nossas misérias, tratar o corpo com humanidade. Talvez o que

¹⁴ Ver a respeito as preciosas análises de Andréa Moreno em sua tese de doutorado intitulada *Corpo e ginástica num Rio de Janeiro: mosaico de imagens e textos*. 2001. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Educação, Unicamp.

¹⁵ Tema desenvolvido em minhas pesquisas de mestrado e doutorado e publicadas respectivamente em: *Educação física: raízes européias e Brasil*, 1994 (2ª.ed.2001) e *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*, 1998 (2ª.ed.2002).

¹⁶ Ver a respeito as análises empreendidas por Métoudi e Vigarello, 1980, p. 23-24.

¹⁷ Ver a respeito o denso trabalho de Ana Márcia Silva. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*, Campinas, Autores Associados, 2001.

permaneça mesmo sejam as nossas expectativas, experiências, desejos e aspirações do presente a mobilizar nossas incursões sobre uma idéia de passado, sobre a descontinuidade da história, buscando conceder-lhe um sentido. Um sentido (Bloch, s.d.) que só o presente pode dar, pois é ele que determina as escolhas (Febvre, 1989, p. 19) dos lugares, das pessoas, das ações humanas que vamos tomar no tempo como testemunhos, como indícios e sinais tanto de aspirações como de tiranias e redenção de sociedades inteiras.

REFERÊNCIAS

Livros/Teses

- AZEVEDO, F. *Da Educação física*. 3ª.ed. São Paulo: Melhoramentos, [s.d].
- BLOCH, M. *Introdução à História*. [s.l].: Europa-América, [s.d].
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BONORINO, L., MOLINA, A. de M., MEDEIROS, C. M. de. *História da educação física*. Vitória: Imprensa oficial, 1931.
- CAMBIER, M. La Méthode Hébert. In: LABBÉ, M. (Org.). *Traité d'Éducation Physique*. Paris: Gaston Doin, 1930. p. 439-489.
- DELAPLACE, J.-M. *Georges Hébert, La Méthode Naturelle et L'Ecole (1905-1957)*. 2000. Thèse (Doctorat en Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives) - Université Lyon I, Lyon.
- FEBVRE, L. *Combates pela História*. 3ª. Lisboa: Presença, 1989.
- FRAGA, A. B. *Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI*. In: SOARES, C. L. (Org.) *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-77.
- FAUSTO, B. A Revolução de 1930. In: MOTA, C. G. *Brasil em perspectiva*. São Paulo: Difel, 1984.
- GAGNEBIN, J.-M.. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/ FAPESP; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e História*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GOELLNER, S. *Bela, maternal e feminina. Imagens da mulher na Revista Educação Physica*. 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.
- HÉBERT, G. L e code de la force. Paris: Librairie Vuibert, 1911.
- _____. *Le sport contre l'éducation physique*. 4a. ed. Paris: Librairie Vuibert, 1946.
- _____. *La culture virile et les devoirs physiques de l'officier combattant*. Paris: Vuibert, 1918.
- _____. *L'Éducation physique, virile et morale par la Méthode Naturelle*. 2ª.ed. Paris: Librairie Vuibert, 1941a, t. I.
- LANGLADE, A. & LANGLADE, N. de. *Teoria general de la gimnasia*. 2ª.ed. Buenos Aires, 1986.
- LATY, D. *Histoire de la gymnastique en Europe*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- MARINHO, I. P. *Sistemas e métodos de educação física*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Def-Mes, 1952.
- MORENO, A. *Corpo e ginástica num Rio de Janeiro*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.
- PEREIRA, C. M. *Tratado de educação física*. Problema pedagógico e histórico. Lisboa: Bertrand, [s.d.], v.I.
- RAMOS, M. M. *Educação física*. Porto Alegre: Globo, 1944.
- RAMOS, J. J. Os exercícios físicos na história e na arte. São Paulo: Ibrasa, 1982.
- ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- _____. *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*. Mira-Sintra: Europa-América, 1976.
- SANT'ANNA, D. B. de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- SOARES, C. L. *Educação física: raízes européias e Brasil*. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.
- _____. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da Ginástica Francesa no século XIX*. 2ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- SOLA, L. O Golpe de 1937 e o Estado Novo. In: MOTA, C. G. *Brasil em perspectiva*. São Paulo : Difel, 1984.
- VIGARELLO, G. *Le corps redressé*. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978.
- _____. *Le sain et le malsain. santé et mieux-être depuis le Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1993.

Periódicos

- ANDRIEU, G. Méthode naturelle et beauté plastique. *Spirales*. UFRAPS, Université Lyon, n. 9, p. 31-38, 1995.

- HÉBERT, G. Os deveres físicos do homem. *Revista Educação Physica*, v. 76, p.27-28, 1943. _____.
- O esporte dentro da educação física. *Revista Educação Physica*, v. 62/63, p. 12-14, 1942.
- _____. L'Erreur sportive. *L'Éducation Physique Revue Critique & Pédagogique*, v. 8, p. 244-246, 1928.
- _____. L'Évolution technique et pédagogique de la Méthode Naturelle. *L'Éducation Physique. Revue Critique & Pédagogique*, v. 3, p. 148-152, 1927.
- _____. Expressões técnicas de educação física. *Revista Educação Physica*, v. 61, p. 10, 11, 61 e 62, 1941d.
- _____. La folie sportive. *L'Éducation Physique. Revue Critique & Pédagogique*, v.1, p. 4-5, 1927.
- _____. Médecin, haute-la! L'éducation physique dela jeunesse est avant tout une question pédagogique et nom pas physiologique, encore moins médicale. *L'Education Physique Revue Critique et Pédagogique*", n. 2, p. 84-87, 1927, avr.
- _____. Os perigos sociais do esporte. *Revista Educação Physica*, v. 57, p.10,11,66 e 67, 1941b.
- _____. Os perigos físicos do esporte. *Revista Educação Physica*, v. 58, p. 10,11, 61,62 e 63, 1941c.
- MÉTOUDI, M., VIGARELLO, G. La nature et l'air du temps. Travaux et recherches en education physique et sports. *I.N.S.E.P.*, n. 6, p.20-28, 1980.
- SANT'ANNA, D. B. de. Corpo e História. *Cadernos de Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP*. São Paulo, v.1, n.1, p. 243-266, 1993.

ENDEREÇO:

Carmen Lúcia Soares
Rua Padre Vieira, 1080, apto.32, Cambuí
Campinas/SP
CEP-13015.301